

SESSÃO 17 – ARTIGOS

AULAS NÔMADES COMO MÁQUINAS DE GUERRA: DOCÊNCIA E DEVIR-CRIANÇA E COMPOSIÇÕES E DESEJOS E INVENÇÕES E ENUNCIÇÕES INFANTIS...

Ana Paula Patrocínio Holzmeister¹
Juliana Paoliello
Rejane Gandine

Resumo: O texto trata das relações de produção que se estabelecem na imanência da atividade microcurricular evidenciando os movimentos de criação de aulas nômades como vetores de passagens de enunciações infantis de docentes em devir. Utiliza experiências microcurriculares em desenvolvimento para afirmar os atravessamentos e deslizamentos que constituem a formação docente *na fabricação de uma aula* (CORAZZA, 2012), atividade de pesquisa e criação de que trata seu ofício. Ato de (de)formação (des)contínua de formas clichês para compor imagens-movimento de uma aula para muito além-aquém de um território sala de aula. Desterritorialização, criações, enunciações infantis, desfazimento da imagem-curriculo prescritiva: esse é o tema do ensaio. Para tanto, utiliza conceitos de aula, currículo e didática formulados por Sandra Corazza (2012) em composição com o grupo de pesquisa mais amplo e o conceito de ética em Spinoza (2005).

Palavra-chave: Máquinas de guerra; docência; microcurrículo.

(De)formações descontínuas, rabiscos, rasuras deformam formas de ser docente e crianças e aluno e escola e aula e planejamento e currículo e formação... Criando no acontecimento do encontro educativo formas diferenciais de traçar os movimentos curriculares na imanência de relações de produção (atividade microcurricular).

Contrastando com o azul celeste em um parque esverdeado um aviãozinho de papel risca o céu traçando linhas intensivas de uma composição docente, a qual busca produzir com as crianças uma pesquisa sobre as cores a partir de contrastes que interrogam a predominância das cores frias que compõem um parque da cidade. Por meio da intervenção urbana, o vermelho, o amarelo e o laranja ocupam as linhas esverdeadas de um parque da cidade que ora se constitui como *espaçotempo* de aulas nômades – arte e linguagens e cor e aprendizagens.

Aulas inventadas por barquinhos que deslizam em suspensão em um lago produzindo sombras no corpo dos patos que se estendem pela luminosidade da garça que, majestosa, posa em uma pedra; imensos rabos de *pavões-noivinhas* transitam pelo parque reinventando um matrimônio da arte e aula e educação e currículo e vida.

Corpos em devires experimentam as intensidades dos afetos de um *pavão-noiva*, avião, barco que, ao som de um bandeiro, (re)inventam práticas docentes, escapando das determinações sequenciais da didática formal.

Um *didaticário* da criação (CORAZZA, 2012) que produz, no acontecimento da docência, múltiplos sentidos diferenciais para o currículo da Educação Infantil o qual se atualiza como força diferencial pela pesquisa e criação docente em devir.

Ao assumirmos, com Deleuze (1997), o conceito de devir, operamos com movimentos desterritorializantes de um modo de ser e pensar e estar docente que nos convoca a problematizar os *espaçotempos* das aulas como território de experiências, *invençônicas* *crianceiras*, nomadismo, intempestividade, minimalismo... Docências esboçadas nas

¹ Doutora em Educação pela Ufes – Atua na Universidade Vila Velha. E-mail: holzpaula@hotmail.com.

intensidades dos fluxos dos processos educativos ao sabor de enunciações infantis que anunciam relações diferenciais de si-mundo, produzindo outros modos de existências inscritas por meio das composições coletivas em linhas que se bifurcam em múltiplas linguagens; *artistagens escriturísticas* que se inscrevem por efeitos de luminosidade diferenciais operadas por efeitos imagéticos e tecnológicos e culturais e... que se afirmam por sua potência criadora.

EnContRe E cULTivE o Seu Estilo – graNDES MESTres portavam um ChARme SinguLar e eRam GRANdeS emissores de sIgnOS (NODARI, K., 2012)

Desterritorializar a lógica das *prescrições* de um modo idealizado de ser docente, desestabilizar modos predeterminados de prescrever uma aula, fugir das sequências didáticas e dos projetos fechados em si mesmos, das aulas territórios salas, assumindo o processo investigativo, ou seja, a pesquisa como condição de instauração de um processo aprendente que se dá em meio ao movimento imprevisível e não antecipável da vida. Invocamos, pois, a imanência da atividade docente como ato de pesquisa e criação o qual traça no acontecimento do currículo, planos de consistência contrários aos dogmatismos imersos nas práticas/discursos, que diminuem a potência de agir, deixando-nos tristes, apontando a alegria como princípio ético da educação e tornando a vida nos CMEIs mais bonita e potente.

[...] a sua aula será tanto mais interessante quanto mais se situa no limite tênue entre o saber e o não saber... Vá até o limite de sua ignorância (NODARI, K., 2012)

A docência em devir acontece nas dobras, por entre os entres, por acoplamentos de caráter involutivo, em movimentos autopoiéticos, em constantes fazimentos viabilizados por encontros, bons encontros, que fortalecem seu *conatus* e afirmam a potência criadora de uma docência da diferença: diferença que se constitui nas subjetivações singulares de um modo de existir, num território de aprendizagem (CMEI) que, por vezes, está atravessado por linhas molares, endurecidas, de praticar os processos educativos pela esteira da invenção.

Como um arqueiro a lançar flechas no espaço que tanto podem cair no chão, como alguém pode apanhá-las e reenviá-las para outro lugar (NODARI, K., 2012)

Experiências de composição com diferentes elementos: água e espuma e fraldas e sorrisos e bebês e professoras que deslizam por colchões envolvidos pelos afetos e afecções de um instante em que o sentido da docência e do currículo e da formação de professores é enunciado, fazendo deslizar por esses movimentos escorregadios concepções, práticas enrijecidas duramente territorializadas por discursos de que com os bebês não há muito o que trabalhar. Considerar os bebês imagens de potências e experimentações com a percepção não objetiva e as narrativas não lineares.

Que linguagens se estabelecem nos jogos “do que ensinar?” e “aprender”, “onde está a força da produção de vida” e resistência e afirmação da alegria?

Que experiências são possíveis com esses bebês que ainda são tratados de modos clandestinos no campo das experiências aprendentes? Qual a potência dessa clandestinidade? Como articular pesquisas às suas experiências? O que dizem os bebês? Quais mapas intensivos traçam? Quais intensidades experimentam? Ao deslizar na superfície de aderência da linguagem, fazendo-a gaguejar, o que anunciam?

Que concepções imperam nos processos de aprender e ensinar? Como os corpos, considerados aqui como relações de pensamentos e desejos enunciam singularmente práticas de linguagens que nos convocam a pensar para além-aquém do sistema de representação? Como

nos convocam a escapar dos modos dominantes de fazer educação infantil? Que convite temos feito para estes que agenciam currículos inventivos, como possíveis de potência criadora? Que palavras temos vivificado para estes “que não têm idioma”?

Ao atravessarmos linhas afetivas transversalmente às linhas moleculares que fomentam a fuga para reexistir de maneiras diferentes daquelas a que estamos habituados, podemos estranhar e problematizar o que ainda, de certo modo, tem ditado como modelo de educação para bebês, como a cultura e valorização das necessidades biológicas em detrimento das necessidades de experimentação com o mundo/mundos em que estão se constituindo e produzindo sentido.

Assim, em meio às coexistências de linhas que libertam, linhas que sufocam e linhas que escapam, mergulharemos nos fluxos das linhas sensíveis, por permitirem composições múltiplas que inspiram currículos inventivos na Educação Infantil.

Comece a lançar mão de uma ética contemporânea, no sentido de pôr-se em jogo, de colocar-se em cena, por meio de um abandono sem reserva. Aqui o que se abandona, antes de tudo, é a intenção de dar uma aula que possam advir novos modos de uso. Visto que a aula nunca se possui ou se controla, mas é decidida por seu próprio processo (TESTA, L. e ADÓ, M.D.L., 2014).

Fazer das produções microcurriculares engendradas por uma docência em seus devires como efetivas máquinas de guerra. Criação, pesquisa, deslizamentos, deformações que enunciam de modo singular os processos aprendentes inventivos. Efetivas máquinas desejanter de alegria na docência e no currículo e na formação.

Referências

CORAZZA, Sandra. *Didaticário de criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS, 2012 (Escrileituras cadernos de notas; 3).

NODARI, K. E. R. *Para dar uma aula intempestiva*. CORAZZA, Sandra. *Didaticário de criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS, 2012 (Escrileituras cadernos de notas; 3).

TESTA, Letícia; ADÓ, Máximo D. L. *Para “Dar uma aula contemporânea”*. CORAZZA, Sandra. *Didaticário de criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS, 2012 (Escrileituras cadernos de notas; 3).